



PRAÇA DO FAÇO DOS ARCEBISPOS EM BRAGA.

## CIDADE DE BRAGA.

1.º

APRAZIVEL e salutifera é a situação da antiquissima cidade de Braga, que os romanos conheceram pelo nome de *Bracchara Augusta*; está em logar alto, cercada de fecundas veigas, d'arvoredos e prados, e de fazendas cultivadas: pelo sul corre o rio Deste, que vai desaguar no Ave nas proximidades de Villa

VOL. V. ABRIL 17. — 1841.

do Conde; e pelo norte o Cávado, que descendo da serra do Gerez entra no mar junto a Esposende. — Alem destas duas essenciaes circumstancias, de puros ares e suburbios deleitosos, a capital do Minho goza a vantagem de ser nimiamente abundante de fructos e hortaliças excellentes, de caça, e em summa de todos os generos necessarios á vida, que por preços muito commodos se desfructam: é tal a cópia d'aguas, notaveis pela sua boa qualidade, que na ci-

dade se contam entre fontes publicas e algumas pertencentes a particulares nada menos de setenta. Todos os que tem visto Braga concordam que das grandes povoações do reino é esta uma das mais agradáveis pela sua situação. Ainda que a construção da casaria, a disposição das ruas, a apparecia da maior parte dos edificios sejam bastante antigas e d'aspecto mourisco, alguns sitios ha alegres e arejados; conta algumas praças e campos ou rocios, destes o denominado de St.<sup>a</sup> Anna fica á parte do norte e é cercado de casas, estalagens, e d'algumas igrejas. As sahidas por aquelles contornos offerecem amenos passeios; nada porem chega, para recreio dos olhos, ao famoso santuario do Bom-Jesus do Monte, de que em outra parte trataremos.

Os habitantes desta cidade sempre foram industriosos; sendo os principaes objectos que fabricam, chapéus, armas, ferragens e tecidos de linho: manufacturas que se vendem por todas as feiras-celebradas na raia de Galliza desde Caminha até Chaves, e para varios pontos do reino.

Dos edificios o mais notavel é sem contradicção a sé, templo de tres naves, que passa por ser um dos maiores que neste reino se tem erigido: em a nave do meio está a capella-mór, com um magnifico retábulo de pedra lavrada; refere a tradição que o fizeram biscainhos, que o arcebispo D. Diogo de Sousa mandára chamar, dos quaes muitos se deixaram ficar na cidade estabelecendo-se no sitio, a que por isso hoje appellidam rua dos biscainhos: é rica esta igreja em veneraveis reliquias, em que se numeram os despojos mortaes de alguns dos santos martyres, que occuparam esta cadeira metropolitana, tão antiga que se intitula primaz das Hespanhas. Tambem a adornam mausoleus de pessoas celebres; e junto do altar-mór jazem o conde D. Henrique e sua mulher, D. Theresa, gloriosa ascendencia dos nossos monarchas. A capella do SS.<sup>mo</sup> Sacramento, no cruzeiro, é soberbamente ornada: na da Trindade ha um retábulo com a imagem do Padre Eterno em vulto sustentando nas mãos a Christo crucificado, e a pomba, symbolo do Espirito Santo. Na capella de St.<sup>o</sup> Ovidio conserva-se o corpo deste martyr, arcebispo que foi de Braga: mais abaixo da capella das Almas foi collocado o tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João 1.<sup>o</sup>, que foi jurado successor do reino, mas faleceu de dez annos de idade: o monumento é de bronze dourado, e o mandou de Borgonha a infanta D. Isabel, tambem filha de D. João 1.<sup>o</sup>, princeza de rara discrição, que se desposou com Philippe 3.<sup>o</sup>, por antonomasia o *Bom*, duque de Borgonha e conde de Flandres. Em a nave da parte do Evangelho ha a capella de S. Pedro de Rates, 1.<sup>o</sup> prelado de Braga: no cruzeiro está outra dedicada a S. Martinho Dumiense, com o deposito do corpo deste santo, que tambem governou esta cathedral.

Tambem guarda este templo as cinzas do arcebispo militante D. Lourenço, bem conhecido pela batalha d'Aljubarrota.

No espaçoso claustro ha uma capella consagrada á Annunciação, onde primeiro estiveram os corpos do conde D. Henrique e de sua esposa, antes de serem trasladados para a capella-mór.

Junto do claustro fica a igreja da Misericordia velha, onde os conegos tinham seu jazigo: nella está sepultado D. Diogo de Sousa em mausoleu cercado de grades de ferro com a effigie em vulto deste prelado, a quem muito devedora foi Braga, pelas ruas que lhe accrescentou, campos que abriu, igrejas que fundou, e assim por acções de caridade, e d'outras obras tanto para commodo dos moradores, como especialmente para allivio e beneficio de pobres: o fron-

tispicio é de cantaria lavrada e dá para um terreiro que póde servir de passeio.

O corpo de S. Giraldo, padroeiro da cidade, está na igreja do cemiterio; e dizem que na mesma, em um tumulo mettido na parede, cuberto com azulejo, jazem os ossos do leal alcaide-mór de Coimbra, Martin de Freitas, que se não julgou desobrigado do preito que devia a D. Sancho 2.<sup>o</sup>, senão quando se certificou da sua morte, indo a Toledo depositar sobre a sepultura do rei as chaves do castello, que pela voz delle tinha e defendia. Ao pé do altar do meio tambem descança em jazigo alto, tendo em cima a imagem em vulto e vestida de pontifical, o arcebispo D. Gonçalo Pereira, da familia do tronco da Augusta Casa Bragantina, o grande condestavel, Nuno Alvares Pereira.

Pelo que respeita á cathedral é tão grande templo que assevera em seu Diccionario o P.<sup>o</sup> Cardoso que nos sete choros que tem se póde simultaneamente resar e psalmejar o officio divino, sem que as sete turmas perturbem umas ás outras. Tem uma sacristia nobre e rica e com grandes accommodações.

Ha na cidade 6 freguezias, e de todas se referem notaveis antiguidades. Dos outros edificios dignos de menção citam-se os amplos paços do arcebispo, o grande templo da Ordem Terceira na rua defronte da Carcova, e no campo dos Remedios outro não menos excellente, o de St.<sup>a</sup> Cruz, fundado pelos annos de 1635 pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que escreveu as historias ecclesiasticas das tres dioceses, que regeu, Braga, Porto, e Lisboa: o hospital de S. João Marcos merece especial menção por guardar o corpo do martyr da sua invocação n'um tumulo de jaspe lavrado, que se vê n'um lado da capella-mór, para onde foi removido em 1718.

A cadeira metropolitana de Braga honra-se com as virtudes, letras e santidade de muitos illustres varões que a occuparam; porquanto na longa lista de seus prelados alem dos que no decurso deste artigo deixámos apontados, se numeram entre os mais conhecidos os respeitaveis nomes de S. Torcato e S. Victor, D. João Peculiar, o papa João 22.<sup>o</sup>, o cardeal D. Jorge da Costa, o cardeal-rei D. Henrique, D. Duarte filho bastardo de D. João 3.<sup>o</sup>, D. Balthasar Limpo, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, cuja vida, escripta pelo elegante Fr. Luiz de Sousa, anda pelas mãos de todos os que presam a boa linguagem portugueza, D. Fr. Aleixo de Menezes; dignos todos de respeitada memoria.

Em outro numero daremos noticia de algumas antiguidades; e por ora concluimos dizendo que a precedente gravura representa a vista de uma praça em frente do paço archiepiscopal, e o chafariz que nella mandou fazer em 1723 o arcebispo D. Rodrigo, 2.<sup>o</sup> do nome: alem das casas fica a torre e uma parte da cathedral.

#### ARGEL.

2.<sup>o</sup>

#### *Expedição e conquista d'Argel pelos francezes.*

QUE a anniquilação dos estados barbarescos, particularmente o d'Argel, foi um bem desejado por todas as nações do Mediterraneo é uma verdade incontestavel; — mas que os francezes tomassem as armas só para praticarem esse bem, eis o que é um tanto duvidoso. Comtudo qualquer que haja sido a politica do gabinete de Versailles, a conquista d'aquelle povo, essencialmente pirata, foi um beneficio feito á Europa. — As primeiras desavenças entre França e Argel tiveram logar em 1793. Havendo então na re-

publica extrema escacez de trigo, permittiu o Dey aos commerciantes judeus Busnach, e Barry, seus subditos, a exportação de trigo, da regencia para França; sendo o proprio Dey, posto que occultamente, o principal especulador, e os dois judeus pouco mais do que agentes seus. O governo francez offereceu pagar o trigo em papel que não tinha valor algum; e os judeus acordaram receber os assignados, ou inscripções da republica, sob a condição de serem indemnizados da differença entre o valor nominal e real d'aquelles papeis quando o governo pudesse satisfazê-la. — As guerras em que a França se achou envolvida com toda a Europa, durante a republica e o imperio de Buonaparte, não lhe deram tempo de attender a similhante objecto; o que só teve logar em 1826, no ministerio de M. de Villele. A reclamação pela parte dos judeus era de tres ou quatro milhões de pezos, porque ao valor do trigo adicionavam juros exorbitantes, commissões &c.; em quanto os francezes sustentavam que a divida não excedia a 1,400:000 pezos (\*) somma que o ministro francez decidira pagar, começando até a destinar fundos para esse fim.

Novo obstaculo veio embaraçar este convenio. Como os judeus Busnach e Barry tivessem dividas em França que montavam a 500,000 pezos, insistia o governo francez em descontar esta somma para ser entregue aos respectivos credores. — O Dey que já se havia declarado principal interessado na transacção, protestou nada ter com as dividas dos judeus, exigindo não só aquella somma, como igualmente a de 400,000 pezos, para indemnisação dos prejuizos que tão demorada questão lhe havia causado. O governo francez não deu resposta alguma á reclamação do Dey; e quando o consul de França M. Duval se lhe appresentou em Abril de 1827 como era uso, afim de cumprimentá-lo pela festa do *Bairam*, ou pascoa, o Dey lhe perguntou em tom mui colerico se não tinha ainda recebido resposta do seu governo, e respondendo-lhe o consul negativamente, elle lhe dirigiu quantos termos offensivos achou no idioma turco — ameaçando a nação franceza, e dando com um leque na cara de M. Duval.

Tão grande insulto feito ao representante de uma nação, suspendeu todas as relações commerciaes entre os dois paizes. Uma esquadra franceza se appresentou em frente d'Argel a 11 de Junho de 1827 na qual embarcou M. Duval com todos os francezes que alli residiam. Antes de partir dirigiu o commandante uma reclamação ao Dey, ameaçando-o com o poder da França se lhe não desse uma completa satisfação: — o barbaro riu-se da ameaça, e a esquadra deu á vela para Toulon. — Apenas esta se retirou ordenou o Dey que fossem presos e lançados em ferros todos os francezes que se achassem nos seus dominios — destruidas e saqueadas as feitorias que a França tinha em Bona, Calle, e outros portos. Medidas tão atrozias provocaram ainda mais a vindicta da França. O primeiro passo do governo francez foi o de estabelecer um rigoroso bloqueio no porto d'Argel, que durou dois ou tres annos, com grande despezas, e não menos perda de gente por enfermidades. A inefficacia do bloqueio excitou o ministerio a fazer preparativos para uma expedição, enviando no entanto o almirante La Bretonniere com bandeira de tregoa offerecer a paz ao Dey em termos que pareciam moderados; porem tanto que a embarcação se approximou ás baterias d'Argel, mandou o Dey fazer-lhe fogo de todos os lados, obrigando o navio a pôr-se fóra do alcance da artilheria mais grossa. Es-

(\*) São os duros ou moedas de 800 réis entre nós bem conhecidas.

ta offensa abominavel pôz remate á iniquidade argelina, e decretou a sua destruição. O governo francez mandou logo preparar um armamento formidavel que desse cabo do insolente Dey, e de todo o seu estado. Como a politica em tudo se ingere, o duque de Wellington, então primeiro ministro da Graã-Bretanha, mandou perguntar ao gabinete francez qual era a extensão que tencionava dar ao armamento, e quaes as suas miras no caso de se apoderar de Argel. O principe de Polignac, presidente do conselho, respondeu que a França quando era insultada não carecia socorrer-se a estranhos para vingar a sua honra; e que tambem não usava consultar as outras potencias sobre o que faria das conquistas que a sorte da guerra lhe trouxesse. O duque tragou como pôde a resposta do principe, e nunca mais pediu declarações.

Um exercito escolhido e admiravelmente equipado de 37,877 homens, entre infantaria, cavallaria, artilheria, engenheiros, sapadores, e minadores, sob o mando do marechal conde de Bourmont, partiu de Toulon em 25 de Maio de 1830, n'uma esquadra commandada pelo almirante Duperré, e composta de 11 náus de linha, 24 fragatas, 7 corvetas, 26 bergantins, 8 bombardas, e 7 barcos de vapores armados, com a força de 27,000 marinheiros e officiaes de marinha, indo, alem disso, 400 transportes com grandissimo numero de barcos chatos que levavam na prôa uma ponte levadiça para facilitar o desembarque. No dia 13 de Junho chegou a armada á vista d'Argel, effectuando-se o desembarque, na madrugada de 14 em Torre Chica, cujo castello os argelinos abandonaram. No dia 15 soffreram os francezes muito damno pela certeza dos atiradores arabes; e no dia 16 um terrivel temporal ameaçou a esquadra com a sorte fatal da expedição de Carlos 5.<sup>o</sup> Cinco dias se conservou Bourmont no ponto em que desembarcára, dando assim logar a que contra elle se reunisse um exercito de 40 a 50,000 janisarios e arabes, com os quaes se travou uma furiosa batalha, em que os francezes perderam 700 homens entre mortos e feridos, retirando-se os argelinos desanimados e em confusão. — Bem podéra Bourmont ter avangado apoderando-se da cidade; mas deteve-o uma irresolução que deu logar a mais combates, e a mais derramamento de sangue francez. Depois de quinze dias de inutil tiroteio, avançou o general francez até o forte do imperador que domina a cidadella e obras exteriores; conservando-se alli os argelinos até o dia 4 de Julho, em que, evacuando-o, o incendiaram, lançando fogo aos armazens da polvora.

No momento em que os francezes levantavam baterias para o ataque da Cassauba, ou cidadella na cidade, o valor desamparou o coração do velho Dey Hussein, que, ás duas horas da tarde, enviou o seu secretario com bandeira parlamentar offerecendo capitulação, assentando-se logo nos seguintes artigos preliminares:

1.<sup>o</sup> — Que os francezes tomariam posse da cidade d'Argel, da Cassauba, de todos os fortes, e da propriedade publica de qualquer especie, ás 9 horas da manhã do dia 5 de Julho.

2.<sup>o</sup> — Que a religião mahometana, costumes e usos dos habitantes seriam respeitadas, não sendo permittida a entrada nas mesquitas a individuo algum do exercito francez.

3.<sup>o</sup> — Que o Dey e todos os turcos sahiriam d'Argel no termo mais curto possivel, dando-se-lhe inteira liberdade de se retirarem para onde quizessem, conservando, alem disso, as suas propriedades pessoais.

No dia seguinte tomaram os francezes posse d'Argel, acabando assim um estado no qual havia reinado por tres seculos a mais pertinaz barbaridade, e a mais illimitada pirataria e escravidão, com damno e aviltamento das nações christãs. Segundo narrações feitas por pessoas que alli se achavam, o procedimento dos soldados nesta occasião, foi o que devia esperar-se de um exercito valente e honrado; — não consta que houvesse roubo, violencia, insulto, ou a menor falta de disciplina. — O espolio feito em ouro e prata cunhada, bem como em laãs, e outros generos, declarados propriedade do estado, foi avaliado em 11,186,905 francos. Deve acrescentar-se a este valor o de 1500 canhões de bronze; 800 de ferro; e immensa quantidade de bombas, balas &c. encontradas nas muralhas e arsenal. O valor das propriedades do estado em edificios era ainda mais consideravel, por lhe pertencer mais de metade da cidade; e deduzidos os enormes gastos do armamento, ainda lucrou o governo francez mais de quinze milhões de pesos. Hussein retirou-se a Italia levando a sua propriedade particular, sabendo á sua chegada alli, e sem duvida com grande satisfação, que o rei Carlos 10.<sup>o</sup>, que o havia mandado desthronisar, fôra deposto ao mesmo tempo pela revolução de Paris, achando-se ambos proscriptos dos seus estados.

Cumpre observar que a população d'Argel se compõe de mouros e arabes selvagens, e que o Dey, autoridades do governo, janizaros, e corsarios eram turcos. Esta gente posto que formasse a parte menos numerosa dos habitantes do paiz, erigiam-se comtudo em tyrannos, recebendo dos naturaes grandes tributos. Os francezes proclamaram aos mouros que *vinham livrá-los do jugo dos turcos, restituindo-lhes a independencia*. Peregrino modo é este de libertar um povo, transformando-o em colonia sua! O sagaz e experimentado Hussein antes de partir d'Africa deu a Bourmont os seguintes conselhos sobre o modo de conservar a conquista: 1.<sup>o</sup> Desfazer-se quanto antes dos janizaros turcos; 2.<sup>o</sup> Conciliar a amisade dos mouros e arabes errantes; e 3.<sup>o</sup> evitar hostilidades com os kabyles, ou montanhezes: os primeiros por insubordinados, os segundos por trabalhadores, e os terceiros por indomaveis. Bourmont não dando ouvidos aos dictames do prudente Dey poz em perigo a nascente colonia.

Os arabes, considerando-se independentes, reuniram-se pacificamente em Bleda, povoação distante d'Argel oito leguas, afim de deliberarem ácerca das relações que deveriam manter com o governo francez — argelino. — O general Bourmont, em vez de transigir com aquellas tribus partiu contra ellas á frente de 2,000 homens. Os bandos mais pacificos retiraram-se ao interior com os seus *Sheiks*; mas não assim os mais experimentados, que pegando em armas, levaram diante de si os francezes até Argel, sitiando-os na cidade por largo tempo, e movendo-lhes guerra pelo espaço de sete annos e meio.

A revolução de Julho tirou a Bourmont o commando d'Argel; e o governo francez mandando-o substituir pelo conde Clausel declarou a sua intenção de fazer uma colonia do estado argelino. Este general que houvera imitado os Pizarros e Cortezes, se os arabes não tivessem armas, nem a certa pontaria com que as manejam, voltou desgostoso para França, dando-se-lhe por successor o general Berthezene, que tão benigno e liberal, como fiel e valente, escreveu ao seu governo em Agosto de 1831 nos seguintes termos. « O haver-se tocado nos costumes, « habitos, e propriedades dos mouros deste paiz, que « se vêem tratados com desprezo por uma nação es- « tranha, os tem redusido a maior pobreza, e a con-

« dição mais miseravel do que no tempo do governo « dos Deys. É pois natural que resistam á civilisa- « ção que á força se lhes quer dar. Os romanos con- « servavam sempre aos povos conquistados as suas « instituições municipaes, e o seu governo interno. « Porque não praticarão os francezes o mesmo em « Africa? » Quão generosos e honrados eram os sentimentos deste novo general! É todavia para lastimar que um capitão seja justo escrevendo, e injusto quando obra: — no procedimento de Berthezene viu-se algumas vezes esta anomalia.

Não só as mais veneraveis mesquitas eram transformadas em igrejas, ou demolidas para melhorar as fortificações; — não só eram profanados os cemeterios, logares para os turcos os mais sagrados, abrindo nelles estradas, e espalhando pelos campos os ossos e as caveiras; — não só finalmente, os francezes insultavam os mortos; mas tambem sacrificavam os vivos. Em 1832 vieram do interior uns desconhecidos mensageiros dos Biskaris cumprimentar os novos senhores d'Argel; — o governador os recebeu, presenteando-os á despedida com mantas, segundo os usos do paiz. Na volta passaram os mensageiros por uma povoação habitada pela tribu denominada Ouffias, que desde os primeiros dias da invasão tinham vivido em paz e amisade com os francezes. Os viandantes foram roubados no caminho por alguns Ouffias, que lhes levaram as mantas; e informado o governador deste successo, sahiu de noite d'Argel com um batalhão e um esquadrão, e cercado ao amanhecer a povoação dos Ouffias passou á espada quantos encontrou. Os soldados apprehenderam logo como despojos do inimigo 2,000 ovelhas, 700 bois, e 30 camelos que acharam no campo, distribuindo depois entre si o producto da venda. Posto que este gado pertencesse aos mouros da cidade, comtudo os Ouffias eram apenas os seus pastores. Omittindo casos identicos, para tratar-mos da conquista, diremos que os francezes depois da tomada d'Argel se assenhorearam de Bona, para a parte de leste, estendendo os seus dominios até Oran. Este povo tinha pertencido á Hespanha desde que delle se apoderou o celebre cardeal Ximenes, estabelecendo alli um presidio assaz dispendioso pela necessidade de conservar-lhe numerosa guarnição; mas destruidos quasi todos os edificios de Oran pelo terremoto de 1792, o governo hespanhol julgou acertado abandoná-lo, acrescentando-o os argelinos aos seus dominios. Restando apenas uma provincia por subjugar, foi encarregado o marechal Clausel de realisar a conquista; e como Achmet, Bey de Constantina, houvesse resistido seis annos aos francezes, tomaram estes como ponto de honra a sujeição deste chefe. A 14 de Novembro de 1836 marchou Clausel á frente do seu exercito, contra Achmet, o qual, afim de attrahir o inimigo até á vista dos muros da sua capital foi recuando, em quanto o caudilho arabe Abdel Kader arrojava os postos francezes para a beira do mar, e os kabyles ameaçavam Oran. O resultado da empresa consistiu em se retirar o marechal Clausel a Constantina nos fins de Novembro com a perda de 3,000 homens, sendo quasi metade do exercito derrotada pela escoria dos mouros, que, alem disso, perseguiram a retaguarda dos francezes, sem respeito por S. A. o duque de Nemours, filho do rei de França, que tinha ido honrar com sua presença o exercito invencivel. Ferido o pundonor francez com tão serio desastre, protestou vingá-lo, e o vingou effectivamente. Durante o verão preparou o general em chefe a expedição destinada á conquista de Constantina que sabindo de Bona no 1.<sup>o</sup> de Outubro, sob o commando do general Damremont, chegou no dia 5 á vista

d'aquella praça. Um grande temporal de chuva só permittiu dar começo ás operações no dia 9, em que poderam formar-se as baterias. — O assedio foi dirigido, crêmos que em rasão da jerarchia, por S. A. o duque de Nemours, sendo ao principio collocadas as baterias a distancia de 800 varas da praça. Infelizmente, no bombardeamento que teve logar no dia 12, foi morto o general Damremont por uma balla, recabindo o commando no tenente general conde de Valée. Este general mandando no dia 13 collocar as baterias a 300 varas de distancia de Constantina, e julgando penetravel a brecha que se abriu, ordenou o assalto, cinco vezes repetido com o costumado ardimiento de tropas francezas. Foi consideravel a perda em officiaes e soldados, passando de mil os mortos, e de dois mil os feridos. O Bey Achmet, com alguns dos seus officiaes, conseguiu escapar retirando-se ao interior. Os soldados francezes entrando em Constantina praticaram os excessos que sempre acompanham a conquista de qualquer praça por assalto, e que as sanguinarias leis da guerra auctorisam. Todavia o general Valée poz termo ás desordens, acalmando, pela sua firmeza, o furor da soldadesca victoriosa: ordenou logo o desarmamento dos habitantes, nomeando governador da praça o general Rulhières. Prevenido este general contra os males causados em Argel pela licença dos soldados, determinou sob as mais severas penas que ninguem fosse inquietado em suas pessoas, propriedades, e religião, prohibindo aos soldados francezes a entrada nas mesquitas.

Com a tomada de Constantina ficou sendo colonia franceza todo o estado argelino; não devendo admirar que, depois de se ter vertido tanto sangue, o governo francez se haja decidido a conservá-la. — Se a França lucrará com um estabelecimento na costa d'Africa, é isso um problema que levará alguns annos a resolver.

#### EMBAIXADA D'ELREI D. MANUEL AO PAPA LEÃO X.

A 12 de Março de 1514 renovou Roma a memoria dos seus antigos triumphos. — Desejando elrei D. Manuel, principe igualmente pio e magnanimo, offerecer aos pés do vigario de Christo as primicias dos thesouros do oriente mandou a Roma por seu embaixador extraordinario a Tristão da Cunha, fidalgo illustriissimo em sangue e não menos em acções. — Levou este comsigo a seus filhos Nuno da Cunha [que depois foi governador da India], e Simão, e Pero Vaz da Cunha, e muitos outros fidalgos seus parentes e amigos. — Foram tambem em qualidade de embaixadores Diogo Pacheco e João de Faria, homens togados e dos mais sabios que havia por aquelle tempo em Portugal. — Destinado pelo pontifice este dia para a entrada, sahiram os embaixadores do palacio do cardeal Adriano pelas duas horas da tarde, com tanta magestade, pompa e luzimento que atrahiram justamente os olhos e as admirações de toda Roma. Precediam em grande numero e luzidamente vestidos, em bons cavallos, os trombetas, charamelas, pifaros e atabales d'elrei, a que se ajunctavam os trombetas e charamelas do pontifice, e logo esta primeira face do acompanhamento offerecia aos olhos e aos ouvidos uma alegre vista e uma suave consonancia. Seguiam-se trescentas azemolas, que outros tantos homens com varias e bisarras librés levavam de rédea, e ellas cubertas de reposteiros, de ricos pannos de seda de varias côres e insignias. Seguia-se o rei d'armas de Portugal que ia vestido de uma roupa

de panno de ouro com as armas do reino, coroadas e cercadas em torno de perolas e rubins. Seguiam-se os nobres, que passavam de cincoenta, vestidos de ricas telas e brocados, com chapéus não só ornados mas cubertos de perolas e aljofares, e a tiracolo preciosos colares de ouro e pedraria, todos em briosos ginetes com sellas, peitoraes, caprazões e mais arreios de ouro maciço, ou de lavor, esmaltado de perolas e pedras de grande preço. A esta proporção iam vestidos os creados, que cada um levava em grande numero, com varias, custosas e vistosas librés. — Fazia-se vêr singularmente, entre tanta grandeza, um elephante indio, sobre o qual vinha um rico cofre com o presente que elrei mandava ao papa, cuberto d'um panno tecido de ouro com as armas reaes de Portugal, que não só cubria o cofre mas tambem o elephante até beijar a terra. — Vinha tambem sobre este um naire que o mandava, vestido de roupa de ouro e seda: vinha mais um cavallo persio que elrei d'Ormuz mandára a elrei D. Manuel, e uma onça de caça com um caçador tambem persio, que a trazia nas ancas do mesmo cavallo. Sahiram a receber e acompanhar os embaixadores portuguezes os do imperador e dos reis de França, Castella, Polonia e os das republicas de Veneza, Luca e Bolonha, um irmão do duque de Milão, e outros grandes senhores e prelados com suas familias; assim mesmo as dos cardeaes, a que se ajunctaram bizarramente vestidos os portuguezes cortesãos que andavam em Roma, ecclesiasticos e seculares, o que tudo fazia uma representação igualmente numerosa e luzidissima. A multidão de gente que concorria a vêr esta lustrosa pompa era tanta que cubria não só as ruas, praças e janellas, mas até cubria os telhados, e era necessario que a justiça abrisse caminho por força. — Chegando ao castello de St.<sup>o</sup> Angelo, aonde o pontifice estava para vêr a embaixada, com todos os cardeaes, disparou por tres vezes a artilheria do mesmo castello, cujo estrondo bellico, com o harmonioso que faziam as trombetas, charamelas, atabales, tambores, pifaros, e com os vivas que geralmente se davam *al ré de Portugallo*, faziam estremecer e alegrar toda aquella immensa multidão. — Tanto que o elephante avistou o papa, obedecendo ao naire, se humilhou tres vezes, e tomando na trombeta grande quantidade d'agua de cheiro [que estava prevenida] rociou com ella ao papa e cardeaes, e depois a todos em circuito, e fazendo outros tregeitos e meneios com muita graça repetiu a primeira cortezia e foi passando muito senhor do campo. A onça tambem mostrou as suas habiliidades, que eram muitas, e deu bem que vêr e admirar a todos. O presente que se offereceu ao papa constava de um pontifical inteiro de brocado de pezo, todo bordado e guarnecido de riquissima pedraria de varias sortes e côres, em que se viam muitas romaãs d'ouro maciço, cujos bagos eram finissimos rubins, e muitas flores de côres e feições diferentes que se formavam de perolas e de pedras de varias côres, como diamantes, amethistas, esmeraldas e rubins, a cousa mais rica de quantas neste genero se recordava a memoria dos homens. Iam tambem mitra, bago, aneis, cruces, calices e thuribulos, tudo de ouro ao martello, cuberto de pedraria, e muitas moedas de ouro, de quinhentos cruzados cada uma, tamanhas como grandes maçaãs. Recebeu o papa os embaixadores com honras extraordinarias: — ouviu uma larga e discreta oração, que Diogo Pacheco lhe fez na lingua latina, a que o papa respondeu na mesma, com maior extensão do que se costuma em semelhantes occasiões, espraçando-se muito nos louvores d'elrei D. Manuel e da nação portugueza. — O que acabado se levantou, levando-lhe Tristão da

Cunha a fralda até se recolher ao seu gabinete. Durou muitos tempos a admiração, e durará para sempre a memoria desta solemníssima embaixada, da qual escrevendo a seu amo o embaixador do imperio diz: — «que poucas ou nenhuma vez aconteceu mandarem os principes christãos os seus embaixadores a Roma com tão magnifico apparatus» — e depois de o referir em summa accrescenta estas formaes palavras: — *Certo, assim é de crer, que a nenhum pa-pa da igreja romana foram appresentados tão ricos, nem tão formosos ornamentos, nem tão preciosos.*

(Ann. Hist.)

#### CURIOSIDADE.

O DESEJO de examinarmos os objectos, que se nos appresentam á vista, é por vezes uma curiosidade prejudicial, pois que nos obriga a gastar grande parte do tempo em investigações de nenhum valor, e ás vezes improprias de um espirito illustrado. Tudo o que tem relação com a natureza merece certamente a nossa attenção e exame; e o que disser respeito a artes e invenções uteis deve ser até observado com miudeza. Neste caso vale de muito a boa critica para nos não occuparmos de cousas pequenas e insignificantes, pondo de lado as importantes e de reconhecida vantagem. O homem que se não guiar por estes principios, nem tem gosto, nem proveitosa curiosidade, seguindo-se dahi que desperdiça a maior parte do tempo em objectos de nenhuma entidade. Ha uma curiosidade que entre as curiosidades reprehensíveis é a mais damosa. Consiste no insoffrido desejo de saber novas, procurando todos os dias nos periodicos noticias de batalhas, de mortes repentinas, de naufragios, de assassinios, de incendios, de inundações, de roubos, e de conspirações contra a paz dos estados; reputando-se logo como indigno de ser lido o que não der conta de alguma destas calamidades. No pensar desta gente incorre na mesma pena o jornal que não mencionar, ou ao menos inventar algum defeito na vida privada dos grandes, alguma evasão, ou qualquer outro infortunio domestico, que excite a admiração, e dê margem a commentos, e materia ao prurido de falar. Esta má inclinação para tudo o que nos maravilha é o grau mais elevado a que póde subir a imprudente curiosidade do homem irreflexivo. A gente vil, que commummente se entretém com as vidas alheias, não curando muitas vezes de remediar os desconcertos que vão por suas casas, fica summamente contristada quando não acha assumpto para calumniar, invertendo os factos. É della que fallava o suavissimo Bernardes quando disse:

É de condição humana não ver traves,  
Em nossos proprios olhos, nos alheios  
Arestas leves nos parecem graves.

Um libello virulento contra poderosos, embora não contenha uma só verdade, é manjar que muito saborea o paladar dos maledicos, e que extremamente lisonjea as paixões populares: — é a estrada por onde mais de um ambicioso se tem encaminhado ao poder e ás honras que affectam desprezar.

Alem da curiosidade prejudicial, ha tambem a curiosidade impertinente, que consiste em pesquisar as acções dos outros paaa analysa-las maldosamente. Consegue-se muitas vezes este fim indagando dos criados os actos privados dos amos; e quando o inquiridor ridiculo encontra algum que vive desgostoso ou offendido, dá logo parabens á sua fortuna por

achar tão delicioso pasto para o seu genio diffamador. Ainda existe outra classe de curiosos mais vil, se é possível, do que as mencionadas: — é a dos que vão escutar ás portas dos outros o que elles dizem em suas casas, sentindo grande prazer em saberem o que se passa no centro das familias, para darem publicidade a factos de que tiveram conhecimento por meios não só vis, mas criminosos.

A impertinente curiosidade da classe infima do povo americano foi bem prevenida por Benjamin Franklin. Este cidadão illustre costumava dizer que para evitar que lhe fizessem muitas perguntas quando viajava, fallava logo nos seguintes termos á pessoa a quem se dirigia: — *Chamo-me Benjamin Franklin, e sou impressor de profissão, habito em Philadelphia quando estou nos Estados-Unidos; e desejo agora saber que estrada devo seguir para o sitio aonde me levam os interesses do meu officio.*

As mulheres estupidas e mal educadas são muito perseguidas deste achaque, que sobe ás vezes a ponto mui alto e reprehensível. É na casa de Deus aonde ellas dão mais a conhecer tão maligna propensão, pois em lugar de orarem ao Senhor, praticando actos de piedade, occupam-se em olhar para quem entra, e em analysar-lhe os trajos e maneiras. E se depois de estarem na igreja algumas horas não se lembrarem do que disse o prégador, nem da côr das vestes do celebrante, o que importa isso? . . . . Ao menos saberão descrever minuciosamente o feitio e elegancia de quantos chailes e chapéus alli viram: — este genero de curiosidade é realmente bem ridiculo!

A curiosidade que nos suscita o desejo de conhecer os phenomenos da natureza, a construcção das machinas, a producção e augmento das substancias, a natureza dos animaes, e quaesquer novas descobertas nas artes, manufacturas e sciencias, é uma curiosidade muito louvavel e digna d'imitar-se, ainda que ás vezes seja acompanhada de desgostos e infructiferos trabalhos. No estudo de grammatica em todas as suas partes, nunca ha demasiada applicação e curiosidade; no entanto para os admiradores do desenho, pintura, &c. é elle de pouco ou nenhum valor. Para decidir qual seja a boa ou má curiosidade fôra mister considerar primeiro os fins a que esta se dirige: se della nos não vier bem algum, é má, e intempestiva; se, pelo contrario, nos der illustração, ou conhecimentos scientificos, util lhe chamaremos e vantajosa. Em materias scientificas não póde censurar-se a curiosidade, pois della teem sempre resultado grandes descobertas na chimica, na metallurgia, das substancias simples, e corpos organicos. Sem espirito de investigação, e desejo de examinar a natureza dos objectos que nos cercam, passaremos uma vida quasi material, sem gosar do maior prazer que póde sentir um ente intelligente — o de fazer uso das faculdades mentaes, contemplando as maravilhosas obras do Creador. Deve-se á curiosidade a descoberta da polvora; a invenção dos cylindros; as machinas para manufacturas de algodão; os engenhos de vapor, e muitas outras: portanto já se vê quanto ella é util tendo origem em bons principios.

Em conclusão diremos que a curiosidade louvavel é a que dá resultados de alguma vantagem para o genero humano, e a que elevando o espirito do homem á altura da divindade, nos dá mais claras noções do poder, sabedoria, e benevolencia do Creador. Logo, a curiosidade que nenhum destes bens produz é de tal especie que não merece epitheto algum honroso: — é, alem de esteril, prejudicial, e mormente para os que presam o seu bom nome, e a paz domestica.

TRADUÇÃO DAS METAMORPHOSES  
PELO SR. CASTILHO.

De todas as nações da Europa é a portugueza a que mais pobre se póde chamar de traducções dos formosos monumentos da antiga litteratura latina, sendo que ninguém nos venceu em tractar e cultivar essa litteratura. Nem por escacez d'engenhos habilitados para o difficiloso mister de traductores dessas obras primas do humano entendimento; nem por falta de frequenta-las e estima-las se póde dizer que isso acontecesse, porque o dar tal motivo fóra deshonrosa calumnia. Desleixo parece, e grave, o não se haverem trasladado para os campos feracissimos da terra portugueza os saborosos fructos dos vergeis de Roma. Mas desculpa, e de algum modo louvor, teriam os que antes de nós foram, por essa que hoje parece falta, se não olhassemos para o passado com olhos habituados a vêr o presente, e não o julgássemos mal neste ponto, como por via de regra o julgámos mal em tudo. Desde o seculo dezeseis começaram as letras gregas e latinas, principalmente as ultimas, a ser tão domesticas e familiares nossas, que não só a litteratura nacional se accommodou e compoz a exemplo da litteratura romana, mas até a linguagem educando-se, amaciando-se, enriquecendo se e desrevestindo a estamenha aspera e o bragal grosseiro, em que a traziam envolta, o bom de Fernão Lopes e o pio Fr. Bernardo d'Alcobaça, que foram buscar no rico espolio da latina galas, ademanes e graças, de que era bem mal abastecida na humildade e rudeza dos seus primeiros annos. Durante esse brilhante seculo de quinhentos o progresso litterario dos portuguezes não foi senão uma romagem contínua ao tumulo de Roma para adorar as unicas reliquias della, que não eram cinzas — que nunca o serão — as producções intellectuaes de seus filhos. Em quanto os politicos, os soldados, os mercadores cubriam o solo portuguez das riquezas, das especiarias, do luxo, dos animaes e até dos homens das outras partes do mundo, as almas poeticas e cogitadoras, os sacerdotes das letras e das sciencias convertiam em propria substancia espiritual o pensar, o sentir, o poetar e até o crêr de Roma antiga. Os nossos historiadores buscaram analogias entre os feitos immortaes da gente romana e da gente portugueza, os philosophos moralisaram mais pelos textos dos ethnicos que pelos do Evangelho, os poetas povoaram de novo o olympo e converteram as sacras synaxes em lararios, e a litteratura inteira vasou-se nos moldes da antiguidade. Assim, latinizada cada vez mais a linguagem e o pensamento, trocámos desde então a nossa nacionalidade pela nacionalidade romana, e Fr. Thomé de Faria traduzindo em latim os Lusíadas entendia melhor as tendencias litterarias dessa larga epocha, do que João Franco Barreto vertendo em portuguez a Eneida. Não era Roma que nos procurava; nós eramos quem a buscava a ella.

Que significaria, portanto, o trasladar então os monumentos latinos? Todos os que eram dignos de os lêr os liam na lingua em que foram escriptos e em que escreviam tambem, e até fallavam diariamente os que com esses monumentos tinham frequencia. A porta de toda a sciencia, de toda a arte, da mais acanhada educação litteraria era a lingua latina: esta se podia considerar como o marco que dividia os territorios da ignorancia e da instrução: alem della havia luz e vida intellectual, áquem della só pousavam trévas sobre os abyssos da insipiençia. Era, portanto, o traduzir livros latinos um como luxo litterario de que a republica das letras de modo nenhum carecia; era uma ociosidade, senão um sacrilegio, reduzir a fórmulas necessariamente mais

imperfeitas os bellos modelos da arte que a todos os cultores desta estavam patentes na sua originalidade. Mas a revolução social da Europa, gerada nessa fermentação geral dos entendimentos do seculo passado, não só devorou as sociedades chamadas modernas e que já estavam velhas e carcomidas, mas tambem a sua litteratura, que na maior parte dos monumentos não era senão um reflexo pálido da litteratura grega e romana; e assim como as instituições dos povos assentaram sobre novos fundamentos, assim uma nova litteratura surgiu dentre as ruinas do antigo.

Entre as novas idéas litterarias e as antigas, nenhuma transição, nenhum termo médio existe, como não existe entre a philosophia passada e a philosophia actual, entre a sociedade morta e a sociedade que vive: a transformação porque o genero-humano passou na Europa, não mereceria este nome se não fosse completa, e não seria completa se não fosse absoluta, isto é, se não abrangesse todos os modos d'existir, o intellectual, o moral e o material. É assim que as artes, e nomeadamente a poesia mudaram na essencia e na fórma, sem que haja ahí saudades do passado que possam nisto, como no mais, restituir o alento aos membros hirtos do que é um cadaver hoje, e que ainda ha meio seculo era uma existencia viva.

A nacionalidade e o christianismo são actualmente os caracteres mais distinctos da arte. O madeiro do calvario esfende a sua sombra immensa e eterna sobre a poesia: os deuses do olympo somem-se diante das tradições christaãs como a igualdade de direitos e deveres varre o privilegio do seio das nações livres: um canto nacional é a primeira inspiração do poeta: o poeta busca incorporar as suas imaginações nas existencias que o rodeam: crengas, paixões, fórmulas materiaes, são para elle as da realidade, não as da convenção. Como as nações constituindo-se de novo ajunctam as theorias mais dignas da altesa de nosso ser, os mais efficazes meios para fixar os seus interesses materiaes e positivos, assim a arte remontando-se ás fontes mais puras do ideal vem buscar depois á terra as maiores realidades para o tornar sensível, e o mais sublime pensamento toma por vestido a expressão mais verdadeira, ou, por melhor o dizermos, a poesia encarna-se na vida humana, e naturaliza-se na sociedade moderna, que vai estampando o sêllo da propria individualidade em todos os seus modos de existir, dos quaes é um a litteratura.

É nestas circumstancias que nós podêmos prever, senão os destinos positivos da poesia na Europa, ao meo os seus destinos negativos: podêmos prever que abandonada a senda da arte antiga, esta irá perdendo na estimação o que já tem perdido na frequencia; que deixando de ser modelo deixará de ser estudo; que apoz a desabusão desse respeito supersticioso de que ainda nossos paes a cercavam, virá o descrêr completo, a *irreligião da antiguidade*, e então em vez de se volverem os exemplares gregos e latinos, volver-se-hão os modernos, e essas linguas santas, esses sanscrits litterarios chegarão a ser como as inscrições copticadas cultivadas por poucos, e entendidas por mui raros. Beranger e Burns já provaram que para ser poeta não era necessario frequentar a conversação dos aduladores d'Augusto, ou escutar as lendas dos rhapsodas da Grecia.

Mas se enfim se approxima a epocha de cessar inteiramente a imitação dos antigos para se haver de seguir o ideal na essencia das obras da arte, e a natureza e a sociedade moderna nas suas fórmulas: e d'ahi hade vir, por consequencia, a *morte* das linguas mortas, nem por isso deviam ser esquecidos os homens divinos que poetaram entre os romanos e os gregos.

Depois de terem gosado de uma celebridade mal merecida, e que só lhes veio de pertencerem a uma litteratura para a qual se olhou por seculos com admiração quasi insensata, muitos escriptores antigos cahiram no esquecimento, de que porventura mereciam não ter sabido. Mas os nomes immortaes d'Homeras, de Virgilio e d'Ovidio serão conservados, e as paginas sublimes dos illustres poetas devem estar patentes para todos os povos e para todas as gerações, em quanto no mundo a alteza do ingenho humano tiver prego e valia. Se as cordas da antiga cythara estallam successivamente até deixarem privado de som o instrumento melodioso, que essas harmonias suaves se transportem para o alaude moderno e venham associar-se, bem que estranhas, aos cantos e ás melodias do presente senão como modelos, ao menos como recordações da arte dos tempos que já lá vão.

Consta-nos que o Sr. Castilho está a ponto de publicar a sua traducção completa das Metamorphoses d'Ovidio. Á vista das considerações que temos feito achámos que em nenhuma epocha podia mais a proposito ser intentada esta traducção, e alem disso que nem mais principal poeta nem mais digno traductor fôra possível achar. Já para nós despontou a aurora da revolução litteraria. — Ovidio é o mais perfeito modelo da poesia romana, e o seu traductor o poeta que melhor póde entender não só a lingua, o que é o menos, mas o pensamento, mas a fórma, mas a côr do original. Summo poeta, pertencendo pelas tendencias da sua educação classica á eschola antiga, pela sua philosophia da arte, pelas suas reflexões de homem maduro, ao presente ou antes ao futuro, e collocado como um juiz imparcial neste periodo de transição entre a poesia que passou e a poesia que se approxima; entre a poesia do christianismo e a poesia do polytheismo, quem melhor que elle póde tornar perceptivel para a sociedade actual, essa sociedade antiga, que transpira por todo o largo e sublime hymno do desterrado do Ponto? Epocha — original — traductor, tudo fará com que este seja um dos mais formosos monumentos da nossa historia litteraria.

Quando dissemos que Ovidio era o mais perfeito modelo da poesia latina, não quizemos desenthronizar o rei della — o suavissimo Virgilio: — dissemo-lo no sentido restricto das reflexões que haviamos feito. São as Metamorphoses um quadro que encerra toda a vida antiga: Ovidio tomou para expressão das suas concepções de poeta o complexo da sociedade romana em todos os seus modos de existir: nas Metamorphoses encerra-se Roma inteira. Crenças, viver domestico, philosophia, sciencias, leis, historia, ahí está tudo servindo de téla ao poeta que em imaginação só teve um emulo entre os modernos — o divino e inexgotavel Ariosto.

O braço do poeta é ás vezes como o da providencia: Roma vive em Ovidio: Ovidio vivirá no mundo em quanto nelle se fallar nossa lingua: o genio lhe disse não morrerás, e os que depois vierem cumprirão a sentença do homem de genio, porque este gravou o séllo da perpetuidade nas paginas da sua versão.

#### OCIOSIDADE.

A OCIOSIDADE é o inimigo maior e o mais perigoso dos Estados. Em Athenas condemnaram os ociosos com pena de morte: o imperador Valente com a perda da liberdade. Sallustio aconselhou como primeira necessidade do governo buscar em que occupar os homens. Cicero affirmava que durou a gloria de Roma em quanto se observaram as leis contra a ociosidade.

Marco Antonio mandava que todos os homens trouxessem sobre si um signal da profissão que tinham; e quem o não trazia era condemnado a servir nas obras publicas. Nação houve entre a qual se não dava de ceiar aos moços que não mostrassem o trabalho em que haviam occupado aquelle dia. Entre os egypcios houve lei que obrigava a cada um dos homens a mostrar aos magistrados o de que vivêra e em que se occupára aquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos a ser tão approvedo este modo de governo que Philippe 2.<sup>o</sup> condemnou os ociosos ás galés. Os chins não consentem um só ocioso, e buscam occupação até para aquelles homens a quem as enfermidades podiam isentar legitimamente do trabalho; porque os que não tem mãos trabalham com os pés, e os que não tem pés trabalham com as mãos; até os cégos trabalham, e de sete annos d'idade buscam em que exercitar os meninos. A esta imitação ha em París um hospital em que recolhem os mendigos, e a todos dão occupação. Em Amsterdam são suspeitas como deshonestas as mulheres ociosas de qualquer qualidade que sejam. Este é o vicio da ociosidade; e é para admirar que não tenha entre nós pena especial. Bem considero que ha entre nós muitos ociosos porque não teem em que trabalhar, especialmente as mulheres na maior parte do reino, e que a quem lhes condemnar a ociosidade podem responder como o obreiro do evangelho: *nemo nos conduxit* [ninguem nos dá que fazer]. Com a introducção das artes não poderão dar esta resposta os ociosos; e a republica dando occupação aos vassallos tem direito para castigar a ociosidade delles . . . . . Os portuguezes é a nação mais habil para as artes mechanicas que tem a Hespanha; e os estrangeiros confessam que são os que melhor e mais facilmente os imitam. No reino não faltam officiaes d'aquellas artes cujas obras se não recebem dos estrangeiros, como são pedreiros e carpinteiros, e outros de que ha tanta quantidade, que um grande numero delles possa trabalhar e ganhar sua vida em outros paizes, e especialmente em Castella. Da mesma sorte haverá abundancia de officiaes e obreiros em todas as artes que de novo se introduzirem, e se occuparão nellas todos aquelles que a necessidade ou falta de emprego faz sahir da sua patria. — Duarte Ribeiro de Macedo.

#### OS HYPOCRITAS.

É HYPOCRITA o mercador que dá esmola em publico e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva que sahe muí sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer e Deus não quer; é hypocrita o sacerdote que sendo pontual e miudo nos ritos e ceremonias é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador que onde falta a esperanza do interesse é rigido observador do Direito; é hypocrita o prelado que diz que faz o seu officio por zelo da honra e gloria de Deus não sendo senão pela honra e gloria propria; é hypocrita o que não emenda em si o que reprehende nos outros, o que cala como humilde não calando senão como ignorante, o que dá como liberal não dando senão como avarento sollicitador das suas pertensões, o que jejua como abstinente não se abtendo senão como miseravel. Seria nunca acabar pôr em resenha estas capas de virtude cubrindo o vicio. Está logo o mundo cheio de hypocritas, e quasi todos são cyrineus que levando a cruz não morrem nella. — P.<sup>e</sup> Manuel Bernardes.

A GUERRA mais util aos povos é a que fazem os máus e os velhacos entre si mesmos.